



EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA: FORMAÇÃO EM GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA

Amanda Maurício Pereira Leite ¹
Elisangela da Silva Machieski ²

Apresentação

Computador, *Internet*, novas tecnologias, distância, presença, aprendizagem, enfim, estas são palavras comuns nos cursos ofertados na modalidade de Educação à Distância (EaD). Neste artigo refletimos sobre a experiência de atuarmos como tutoras presenciais e à distância na formação de professoras/es do curso Gênero e Diversidade na Escola (GDE), na cidade de Braço do Norte/SC. Trazemos em cena os principais aspectos que marcaram nossa atuação para a partir deles tecer algumas considerações. Para tanto questionamos: de que forma o atuar dentro do *on/off-line* consegue proporcionar que o ensino e a aprendizagem aconteça na EaD? Como as ferramentas da plataforma *Moodle* podem ajudar a/o cursista a compreender os conteúdos, desenvolver as atividades e estabelecer a interação com o grupo do qual faz parte? Quando os *feedbacks* (presenciais e virtuais) se tornam aliados ou inimigos ao longo do processo de formação? Não temos a pretensão de responder a todas estas questões, elas nos estimulam a pensar na modalidade de ensino à distância, sobretudo, acerca da função da tutoria. Nosso desejo é dialogar com outras pesquisas e experiências que procuram articular as temáticas de gênero, sexualidades, relações étnico-raciais, identidades e outras com o cotidiano escolar.

Mais sobre o GDE

O curso Gênero e Diversidade na Escola foi uma parceria da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres-SPM com o Centro Latino Americano de Estudos de Sexualidade-CLAM em edital SECAD/MEC. Coordenado pelo Instituto de Estudos de Gênero da Universidade Federal de Santa Catarina (IEG/UFSC) teve seu início em março e a finalização em junho de 2009. Ao todo foram dez pólos de educação a distância situados em distintas regiões do Estado de Santa Catarina. A formação buscou criar uma grande rede de estudos e reflexões sobre as temáticas: diversidades,

¹ Pedagoga, mestranda em Educação, na linha de Educação e Movimentos Sociais da UFSC. Atuou como tutora a distância no GDE. Contato: amandampleite@hotmail.com

² Bacharel e licenciada em história. Atuou como tutora presencial no GDE. Contato: elis_mach@hotmail.com



gênero, sexualidades, orientação sexual e relações étnico-raciais com educadoras/es da Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio correspondente a professoras/es da rede pública da Educação Básica. No período da formação as/os professoras/es estudantes compartilharam tanto nas aulas presenciais quanto no ambiente virtual de ensino e aprendizagem (AVEA) as curiosidades, dúvidas, informações e dificuldades que encontravam para aprofundar estes eixos na prática docente.

Diversas foram às estratégias didático-pedagógicas usadas no AVEA bem como nas aulas presenciais na intenção de auxiliar a reflexão e o diálogo sobre as temáticas de forma a articular os conteúdos com o cotidiano escolar. Entre os recursos usados estiveram filmes, livros, documentários, músicas, hiper-textos, fóruns e demais ferramentas da plataforma *Moodle*. O desejo era possibilitar a desconstrução de preconceitos e discriminações nas relações que atravessam a escola, sobretudo, na intenção de gerar equidade e igualdade entre os sujeitos. Um dos diferenciais da formação foi oportunizar que democraticamente em distintas localidades do estado, diferentes pessoas tivessem acesso a estes conhecimentos para aprofundá-los em sala de aula.

Computador e Internet: é possível estudar assim?

Não é novidade que a modalidade de Educação a Distância vem recebendo muitas críticas ao longo de sua existência e algumas negativas, principalmente no sentido de que esta modalidade de ensino não é eficaz como o sistema convencional. A título de exemplo no decorrer da primeira etapa presencial do curso, surgiram indagações apresentadas pelas/os cursistas sobre a qualidade do ensino proposto pelo sistema a distância, se funcionaria e ainda se as formações e/ou capacitações de caráter semi-presencial conseguiriam atingir os objetivos estabelecidos. A princípio pode parecer abstrato e isto pode gerar descrédito tal como pudemos observar nos relatos das/os cursistas.

Para aqueles e aquelas que desconhecem as possibilidades de se estudar e aprender diferentes conhecimentos através de um computador ou pela *Internet*, ter aulas dentro de um ambiente virtual de ensino e aprendizagem pode ser complexo e questionável porque foge ao padrão tradicional de aula presencial com o qual as pessoas estão habituadas, mas isto acaba por deslocar as certezas relativas as formas de aprender conteúdos diversos.

Contudo, com o surgimento das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC's) as modalidades de ensino à distância avançaram na intencionalidade de promover cursos que formem diferentes profissionais, de diversas áreas de conhecimento, através da comunicação em rede. Na atualidade é possível observar que a EaD tem ganhado cada vez mais espaço e visibilidade dentro dos centros educacionais sejam eles escolas, institutos, faculdades e universidades. O uso



desta modalidade de ensino multiplica diferentes vias de acesso à Educação que, por sua vez, visa proporcionar que o processo de ensino e aprendizagem alcance muitas pessoas em várias localidades do planeta.

A oferta de cursos na modalidade a distância é uma tendência contemporânea, por ser economicamente viável, além de atender as propostas das políticas públicas voltadas a promover educação em diferentes e distantes localidades. Embora ainda exista algum descrédito acerca desta modalidade, há também um esforço de muitas instituições para garantirem qualidade no atendimento às demandas de formação profissional inicial ou no sentido da continuidade à formação, em virtude da necessidade das pessoas adequarem-se, inclusive, ao uso de tecnologias.

Destarte, a formação continuada de professoras e professores é uma exigência da legislação educacional que propõe melhorar a qualidade da educação no Brasil. Um dos meios apresentados para atender essa melhoria tem sido o uso da EaD. O curso Gênero e Diversidade na Escola foi um projeto ao qual destinou-se recurso financeiro do Ministério da Educação para promover a formação de profissionais neste modelo. E é a partir do GDE que tentamos refletir sobre alguns aspectos que não escaparam ao nosso olhar.

Situadas/os no tempo e no espaço: o pólo de Braço do Norte

Antes de prosseguir cabe situarmos brevemente o contexto de Braço do Norte/SC, município sede do pólo da UFSC para este curso. A cidade localiza-se a 170 km de Florianópolis, sua extensão é de 223,91 km² e a população é de 29.317 habitantes conforme dados do IBEG/2009. A economia do Vale do Braço do Norte gira em torno da agropecuária, mas dispõem de um parque industrial que produz doces, bebidas e produtos alimentícios principalmente derivados de leite, aves e suínos. A cidade destaca-se dentro do maior parque industrial sul-americano de produção de molduras junto com os municípios de Orleans, Grão Pará e São Ludgero.

O pólo da UFSC em Braço do Norte iniciou suas atividades em 2006, foi instalado mediante parceria UFSC e Prefeitura Municipal, atualmente funciona no terceiro andar de um prédio comercial, localizado na área central da cidade, onde conta com uma coordenadora e um técnico em informática. As atividades tiveram início com cursos de Licenciatura em Física e Matemática, ambos no sistema EaD. No momento, o pólo oferece os cursos: Especialização em Gestão de Bibliotecas Escolares, Especialização em Gestão Pública Municipal, Especialização em Matemática, a reedição de Licenciatura em Física e o curso de Formação para professoras/es em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade.



Em 2009 o curso de Gênero e Diversidade na Escola foi oferecido no pólo, cinquenta vagas foram ofertadas e quarenta e nove foram preenchidas. A turma composta em sua maioria por mulheres somava o número de quarenta e seis professoras e três professores, sendo que maior parte dos/as cursistas tinha idade superior a trinta anos e com experiência de sala de aula. Acerca da formação em nível de graduação das/os professoras/es diversificava-se entre os cursos de pedagogia, matemática, artes, educação física, letras, história, educação especial e ciências. No decorrer do curso tivemos quinze desistentes, os motivos apontados foram a falta de familiaridade com novas tecnologias de informação e comunicação, problemas de saúde e questões pessoais.

Cabe mencionar que a equipe do curso era constituída por duas tutoras presenciais e uma coordenadora presencial que atendiam as/os estudantes semanalmente no espaço físico do pólo dentro de escala de horários alternados. Para desenvolver a etapa presencial uma professora era responsável por ministrar as aulas com o auxílio de uma tutora e um tutor, que também atuavam no acompanhamento à distância, para esclarecer os questionamentos bem como darem retorno (*feedback*) acerca das atividades postadas. Esta mesma equipe, além de articular no AVEA algumas atividades para serem realizadas nas aulas presenciais, esteve em todos os encontros presenciais que aconteceram no GDE.

Nos clics das experiências

Destacamos neste item alguns aspectos acerca de nosso desempenho no GDE e ainda como os conteúdos e a participação dos/as professores/as cursistas aconteceram no AVEA. Primeiramente diremos sobre a capacitação que recebemos para atuar na função de tutoria onde buscamos relacionar os clics desta experiência com nossa prática, especialmente sobre as atividades desenvolvidas no período que acompanhamos as/os cursistas no GDE. Para falar desta passagem é necessário situar as condições em que fomos formadas, dizer do momento em que concomitantemente participamos da capacitação onde éramos cursistas e atuávamos na formação enquanto tutoras, caracterizando uma relação simultânea de cursistas/tutoras e tutoras/cursistas, fato que gerou vantagens e desvantagens ao longo do processo.

Merece evidência o modo como a teoria e os conteúdos que iam sendo apresentados na capacitação eram por nós vivenciados na prática, tanto no ambiente virtual ou presencial. Desta forma as dúvidas que tínhamos acerca da função que deveríamos exercer na tutoria aos poucos eram respondidas pela atuação de nossa tutora a distância do curso de capacitação, que era a pessoa



encarregada de intermediar nosso diálogo com o restante da turma além de estimular a execução das atividades articuladas aos conteúdos nos tempos e espaços estabelecidos para cada tarefa.

Enquanto cursistas tivemos a oportunidade de aprender como as ferramentas do ambiente virtual deveriam ser operacionalizadas. Este aprendizado caracterizou-se por identificar os ícones, as tarefas, acessar as informações de cada cursista, manejar os instrumentos de fóruns, blogs, chats, ferramentas de wik e demais espaços destinados à postagem das atividades dentro da plataforma *Moodle*, acompanhar as leituras de cada tópico da formação e observar como as reflexões eram publicadas pelas/os cursistas no AVEA.

Ainda como cursistas nos deparamos com a constante necessidade de pensar teorias do conhecimento com a prática escolar. Cuidadosamente era preciso refletir sobre como se dava a teoria e a prática no desempenho da tutoria presencial e a distância, já que ao mesmo tempo em que estávamos em fase de capacitação, atuávamos também com as dúvidas das/os estudantes de Braço do Norte. Portanto, dentro do processo de ensino e aprendizagem no ambiente virtual, desde o momento inicial, lidamos com as instabilidades, complexidades e particularidades de cada cursista, além da instrumentalização com a plataforma de ensino.

Em nossa experiência enquanto cursistas/tutoras recebemos a capacitação totalmente em caráter virtual, o que se diferenciou em relação ao que aconteceu para as/os estudantes do pólo de Braço do Norte, por causa da atuação da tutoria presencial, na qual foi possível estabelecer um contato físico ao sugerir encontros de estudos no espaço do pólo, e estando lá juntamente com as/os estudantes foi possível acessar o ambiente virtual de ensino e aprendizagem, isto é, a sala de aula virtual da EaD, momento em que pudemos esclarecer as dúvidas e orientar para o adequado uso das ferramentas do AVEA.



Momento de estudos do 2º encontro presencial



Outro aspecto relevante desta experiência se constituiu na relação direta com as/os estudantes. Uma das ações importantes realizadas na tutoria presencial voltou-se para as relações humanas que se estabeleceram ao longo do curso, na qual foi necessário motivar cada professora e professor que participaram desta formação continuada para que superassem suas próprias limitações, fossem quanto ao uso do computador ou quanto a falta de habilidade no manuseio das ferramentas do AVEA, a fim de que conseguissem avançar nos estudos sugeridos pela modalidade à distância.

Como dissemos, aparentemente a tradição presencial acaba por acompanhar as/os estudantes que tem a imagem da sala de aula caracterizada pela presença num determinado espaço físico. Este, entre outros aspectos, constitui-se num desafio para a Educação à Distância que por sua vez necessita que o AVEA seja compreendido como a sala de aula virtual e isto requer tempo para ser incorporado pelas/os estudantes. Por esta razão as dúvidas, a participação, as problematizações e mesmo o estar presente no ambiente virtual tem caráter instável, pode-se dizer que há resistência em dialogar através da comunicação em rede, principalmente porque trata-se de algo com que as/os estudantes não familiarizadas/os com o uso da informática encontram grandes dificuldades.

Na Educação a Distância, a aprendizagem é algo que ocorre na maior parte das vezes individualmente na medida em que a flexibilidade para definir o horário e o local de acesso aos conteúdos é definido pela/o estudante, contudo esta autonomia não se dá de forma isolada, há que se considerar neste processo a intervenção dos sujeitos da EaD, sejam tutoras/es e/ou professoras/es, que ao longo das atividades procurarão estimular e promover o intercâmbio entre os diversos grupos de estudantes a fim de tornar o conhecimento algo a ser multiplicado.

Considerando estas circunstâncias, nós tutoras/cursistas presenciais e a distância trocávamos idéias tanto no espaço virtual quanto no espaço presencial, descobríamos diferentes formas de atuar na modalidade de ensino a distância. Estas descobertas apareciam nas leituras, nas pesquisas, nas conversas e foram nos instrumentalizando. Percebemos que se trabalhássemos em grupo o acompanhamento das/os estudantes poderia ser facilitado.

Pode-se dizer que um dos grandes desafios que encontramos ao longo do curso foi o de nos mantermos atentas para observar como a aprendizagem no terreno do on/off-line se constituía para cada estudante, lembrando que isto se deu na mesma conjuntura em que éramos cursistas/tutoras simultaneamente. Como cursistas vivemos a experiência de esperar pelo feedback de cada tarefa postada, de aguardar que outras/os cursistas publicassem suas reflexões nos fóruns de debates, esperando os comentários com muita expectativa, para que somente então nos manifestássemos.



Muitas vezes nos decepcionamos com a demora de um retorno e com a pouca atenção que recebemos em algumas tarefas. Por outro lado, viver tal experiência nos possibilitou aprender a importância que tem um comentário diante da tarefa realizada e quão valioso é o feedback que orienta, entusiasma e ensina a/o estudante, além de fortalecer as relações de troca entre estudantes e tutoras/es, tutoras/es e estudantes.

Acreditamos que nesta modalidade de ensino parte do êxito de qualquer curso proposto depende bastante da atuação da equipe que trabalha em cada pólo. Por esta razão, estabelecer um diálogo flexível desde o primeiro contato é algo que incentiva o bom desempenho do grupo. Ouvir, refletir, pensar, propor, criar, fazer escolhas, dar retorno e considerar que cada participante do processo é muito importante e, sobretudo, é o princípio que deve direcionar qualquer trabalho coletivo. Avaliamos que as diferentes experiências e vivências devem ser consideradas desde a elaboração de um plano de aula até a execução de qualquer outra atividade.

Na maior parte do tempo nossa equipe planejou e executou as atividades à distância, desde a elaboração das aulas até o acompanhamento e o retorno comentado para cada estudante deu-se de forma virtual. Neste caso, a fim de estabelecer um diálogo mais rápido entre nossa equipe, optamos por fazer o uso de outros recursos de comunicação virtual como o *e-mail* e o *Messenger* (MSN).

Uma das atividades desenvolvidas no pólo foi a formação de um grupo de estudos proposto pela tutora presencial, tal iniciativa surgiu diante da necessidade de dialogar mais sobre os temas que não estavam sendo debatidos no espaço virtual pela dificuldade no uso das ferramentas do AVEA por parte das/os estudantes. A proximidade física propiciada pelo grupo de estudos possibilitou que expressassem e problematizassem episódios vividos no cotidiano das escolas que eram propostos nos módulos do curso GDE.

Em cada uma destas oportunidades foi possível refletir sobre como deveríamos construir nossa prática enquanto tutoras. Na atuação da tutoria presencial, a presença física e o virtual mesclavam-se. Era possível compartilhar os desejos e as dúvidas das/os estudantes que até então se manifestavam apenas no espaço virtual, porque aquelas professoras e professores traziam para o debate cenas do cotidiano escolar, episódios que particularizavam suas experiências e aspirações, além de encontrarem interlocução capaz de dar novos sentidos as suas práticas pedagógicas no ambiente escolar.

Ao trabalhar o conceito de Diversidade, por exemplo, os/as estudantes registravam seus conhecimentos prévios e adquiridos numa sessão determinada do AVEA. Ali, além de expor o que pensavam sobre o tema deveriam aproximar o conteúdo com cenas do cotidiano escolar. Observe:



[...] vivemos num mundo diverso. Encontramos as mais diferentes situações diante da vida, e na escola não acontece de outra forma. Deparamo-nos, muitas vezes, com meninos e meninas que fazem opção de vida, sexualmente falando, de jeito diferente da maioria. Encontramos pessoas de culturas e raças diferentes, e que socialmente e economicamente estão em níveis diferentes umas das outras também. Nossa forma de agir nem sempre é a melhor e a mais adequada, temos nossos conceitos, situações do dia-a-dia, e fazer valer o direito de todos e para todos tem sido tarefa difícil. Quase sempre julgamos os vários comportamentos de acordo com nossa primeira impressão. Resta saber se, com o julgamento que fizemos, estamos abrindo espaço para reforçá-las ainda mais. Precisamos entender melhor essas diferenças, passando pelo autoconhecimento e percebendo as necessidades dos que estão ao nosso redor, para estabelecermos uma boa convivência com todos. Talvez o maior desafio esteja em nós mesmos, no respeito e valor que devemos a nós e aos outros, a partir daí encontrar novas perspectivas e possibilidades para “ajustar” ou integrar todas as diferenças (Profa. A).

[...] porque se estou classificando (raças, culturas, classes sociais) estou diversificando. Sim, se tenho preconceito de alguém ou de alguma coisa automaticamente já estou discriminando as mesmas. Se você tem preconceito sem querer você já está discriminando quem quer que seja (Profa. B).

[...] como vivemos em uma sociedade bastante diversificada, muitas vezes nos deparamos com problemas relacionados a esse assunto e não sabemos o q fazer ou como fazer para solucioná-los. Geralmente isso acontece por desconhecermos o assunto de “diversidade”. Como não estamos preparados, não sabemos como lidar em determinadas situações, principalmente nós que somos professores, que vivenciamos situações desse tipo diariamente. Como não estamos preparados para tal, acabamos por criar preconceitos e ou discriminar ou, em sala de aula, quando percebemos que os alunos são preconceituosos e praticam o ato de discriminação, não sabemos como contornar a situação (Prof. C).

A participação dos/as estudantes também acontecia através dos fóruns. Em cada tópico trabalhado eram lançadas questões que estimulavam a discussão no AVEA. Assim, ao abordar Sexualidade e Orientação Sexual, por exemplo, os/as estudantes deveriam articular as perguntas com suas vivências diárias. Para exemplificar eis algumas questões que configuravam os fóruns: a) é direito das crianças, adolescentes e jovens receberem educação sexual? b) Os grupos e pessoas que têm opinião contrária à sua, o que argumentam? c) Como você conduziria uma educação sexual com crianças e adolescentes de 10 a 15 anos na sua área? d) Para o debate, leve em consideração: a abordagem transversal proposta pelos PCNs, a diferença entre corpo e organismo de que falam os textos, as relações de gênero e diversidade sexual e as experiências das/dos estudantes.

Quando as respostas ou dúvidas interessavam para toda a turma, a/o tutora/or sugeria que a/o própria/o estudante publicasse no fórum seus questionamentos para que todas/os as/os cursistas comentassem e participassem do debate virtual. Observe outro exemplo no qual uma estudante lança questões acerca de como a escola deve atuar diante de situações de discriminação:

[...] gostaria de saber o que podemos fazer para reverter esse quadro de discriminação. Como aumentar a auto-estima desses alunos que se sentem muitas vezes inferiores? O que a escola pode fazer para ajudar estes alunos a terem seus direitos respeitados e a ocuparem seu lugar na sociedade?(Profa D)

Em suma podemos dizer que assim como no espaço da escola tradicional, na modalidade de ensino a distância também é possível encontrarmos algumas dificuldades. Muitas vezes essas barreiras geram frustrações, desmotivação e podem ainda influenciar no abandono do curso. No pólo de Braço do Norte-SC registramos, principalmente no primeiro encontro presencial, queixas



das/os cursitas referentes à falta de prática para navegar nas diferentes sessões do curso, dificuldade em participar de fóruns e *chats* bem como enviar mensagens aos/as tutores/as, problemas para postar as atividades no local destinado, a pouca habilidade de alguns/as na administração do tempo de estudo – fator que acarretou na postagem dos conhecimentos prévios e adquiridos com atraso, a falta de interação com o grupo no AVEA e outros aspectos que ao longo da formação receberam uma atenção maior a fim de evitar a frustração e a evasão dos/as estudantes.

Em síntese

Atuar nas tutorias presenciais e a distância do curso de Gênero e Diversidade na Escola trouxe momentos muito especiais em que nos entusiasmos com a Educação a Distância. Foi muito gostoso dialogar sobre temas tão relevantes para a contemporaneidade e que até pouco tempo atrás não eram tão valorizados. Ter a oportunidade de levar estes diálogos ao interior do Estado de Santa Catarina e observar que a formação proporcionou mudanças na prática pedagógica de professoras/es e coordenadoras/es de diferentes instituições escolares que passaram a nos relatar suas reflexões e problematizações destes eixos que atravessam as vidas e o cotidiano das escolas foi para nós uma experiência encantadora. No percurso procuramos identificar tanto em nós quanto nas/os estudantes as dificuldades, os progressos e as conquistas alcançadas durante todo o processo do GDE para a partir delas traçar novos caminhos que nos conduzissem a aprendizagens profundas sobre o respeito às diversidades de gênero, sexualidades e etnias.

Refêrencia

MINELLA, Luzinete Simões; CABRAL, Carla Giovana. *Práticas pedagógicas e emancipação: Gênero e Diversidade na Escola*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2009.